

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais
Ano 19

Coletânea Interdisciplinar 8

Jean Henrique Costa
(Org.)

Aroldo Magno de Oliveira
Mayara Ferreira de Farias
(Ed./Org.)

2023

2023

2023

2023

Niterói – RJ

Revista Querubim 2023 – Ano 19 Coletânea Interdisciplinar 8 – 62p. (agosto – 2023)
Rio de Janeiro: Querubim, 2023 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor
Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Carla Mota Regis de Carvalho
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Gladiston Alves da Silva
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
Joana Angélica da Silva de Souza
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

Apresentação		04
01	Aida Yarira Reyes-Escalante, Iáscara Gislâne Cavalcante Alves, Jean Henrique Costa, Manuel Ramón González Herrera e Raoni Borges Barbosa – Cidade do Silêncio (<i>Bordertown</i>): cinema, violência urbana e feminicídios	08
02	Antonio Adson Julio Costa Santos, Camila Steffany Freitas Costa, Edgley Freire Tavares, Sabrina Vitória Oliveira de Medeiros e Thalys Vinicius de Oliveira Rodrigues – Ver-saber em <i>Сталкер</i> , de Tarkovski	21
03	Bismark de Oliveira Gomes, Iáscara Gislâne Cavalcante Alves, Jean Henrique Costa e Raoni Borges Barbosa – Indústria cultural, rituais de sofrimento e privação do sono no reality show “ <i>Awake: the Million Dollar Game</i> ”	31
04	Isabely Fernandes Fonseca, Jayne Carla Bezerra da Silva, Khyara Luanny de Lima Fernandes, Marcela Aianne Rebouças e Yvia Monaliza Fonseca de Nogueira – Interdição feminina e feminismo liberal na série <i>Succession</i> : uma análise da personagem Shiv Roy	38
05	Jean Henrique Costa e Stamberg José da Silva Júnior – Macarthismo e Paranoia Anticomunista: reflexões a partir do Filme <i>Storm Center</i> (1956)	50

CIDADE DO SILÊNCIO (*BORDERTOWN*): CINEMA, VIOLÊNCIA URBANA E FEMINICÍDIOS

Aida Yarira Reyes-Escalante¹
Iáscara Gislâne Cavalcante Alves²
Jean Henrique Costa³
Manuel Ramón González Herrera⁴
Raoni Borges Barbosa⁵

Resumo

Este ensaio aborda o filme *Bordertown* – em português, Cidade do Silêncio (2007) –, de Gregory Nava. A obra, retratada em um contexto histórico, se passa em Ciudad Juárez (México) e tem como narrativa a explosão dos casos de violência e feminicídio que assolaram a cidade mexicana, sobretudo após os anos 1990. Também trata de fazer uma crítica ao Tratado de Livre Comércio entre México e Estados Unidos que, de forma desigual e combinada, aumentou a exploração econômica estadunidense no território vizinho. Compreende, assim, mais uma tentativa de levantar a problemática dos feminicídios a partir da forma como o cinema a coloca, seja exotizando, seja produzindo um olhar de denúncia. O cinema tem contribuído com a vocalização crítica desse drama cotidiano de uma população vítima da violência do narcotráfico, da corrupção policial, da cultura masculinista e machista, da expansão do poder estadunidense no território mexicano e das desigualdades estruturais produzidas na fronteira norte. Percebe-se, nesse sentido, uma confluência de fenômenos sociais que produzem uma sinergia extremamente perversa: o da violência urbana – banal e cruel endêmica contra as mulheres – sistematicamente produzida pelos homens. Diante desse contexto de violência, o mundo passou a olhar Ciudad Juárez como a Faixa de Gaza da América Latina. E, como consequência, as representações da cidade como lugar do medo e da violência foram sendo tecidas no cotidiano das relações sociais, na política, na arte e, em especial, em narrativas filmicas de difusão global, como a que ora é abordada.

Palavras-chave: Ciudad Juárez – México; cidade fronteira; violência urbana; feminicídios.

Abstract

This essay deals with the film *City of Silence* (2007), by Gregory Nava. The work based on historical facts is set in Ciudad Juárez and has as its narrative the cases of violence and femicide that plagued the Mexican city. It also tries to criticize the Free Trade Agreement between Mexico and the United States, which, in an unequal and combined way, increased U.S. economic exploitation in neighboring territory. It understands, thus, another attempt to raise the problem of femicide from the way cinema puts it, either exoticizing or producing a critical and denunciatory look. Cinema has contributed to the critical vocalization of this daily drama of a population that is a victim of drug trafficking violence, police corruption, masculinist and macho culture, the expansion of U.S. power in Mexican territory and the structural inequalities produced on the northern border. In this sense, a confluence of social phenomena that produce an extremely perverse synergy is perceived: that of urban violence - banal and cruel endemic against women - systematically produced by men. Faced with this context of violence, the world began to look at Ciudad Juárez as the Gaza Strip of Latin America. And, as a consequence, the representations of the city as a place of fear and violence were being woven into the daily life of Mexican relations, into Mexican politics and art and, finally, into filmic narratives of global diffusion such as the one now addressed.

Keywords: Ciudad Juárez – Mexico; urban violence; femicide.

1 Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, UACJ. Departamento de Ciencias Administrativas. PhD Science Administration. E-mail: aida.reyes@uacj.mx. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0104-9522>

2 Mestranda em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista CNPq na Modalidade GM. Bacharela em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3143-1281>. E-mail: iascaragislane@gmail.com

3 Doutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN. E-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8091-2418>

4 Doctor en Ciencias Geográficas por la Universidad de la Habana y la Universidad de Alcalá de Madrid. Profesor Investigador del Programa de Licenciatura en Turismo y del Doctorado en Administración de la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ). E-mail: manuel.gonzalez@uacj.mx. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2104-4702>

5 Doutor em Antropologia. Pesquisador Bolsista DCR-CNPq da Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí – FAPEPI. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí PPGant/UFPI. E-mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0002-2437-3149.

Introdução

A violência se manifesta contextualmente, tal como têm nos evidenciado as produções cinematográficas que abordam a dinâmica delitiva nas grandes cidades. Destacamos, com efeito, as múltiplas formas de silêncio que revestem a violência. Assim, este ensaio aborda o filme *Bordertown* – em português, *Cidade do Silêncio* (2007) –, dirigido e produzido por Gregory Nava e protagonizado por Jennifer Lopez, Antonio Banderas e Maya Zapata. A película traz ainda no elenco a brasileira Sônia Braga e o ator Martin Sheen.

A obra, retratada em um contexto histórico, se passa em Ciudad Juárez (México) e tem como narrativa a explosão dos casos de violência e feminicídio que assolaram a cidade mexicana, sobretudo após os anos 1990. O longa-metragem também trata de fazer uma crítica ao Tratado de Livre Comércio entre México e Estados Unidos que, de forma desigual e combinada, aumentou a exploração econômica estadunidense no território vizinho.

Adotamos uma postura ética de respeito aos mexicanos, não naturalizando uma imagem selvagem, criminal e corrupta da cidade estudada que, frequentemente, desconsidera a perspectivaêmica local. Como brasileiros, sentimos na pele o mesmo problema de naturalização que o estrangeiro faz de nosso país, estigmatizando e exotizando nosso território e nossa cultura. Este ensaio, em suma, compreende mais uma tentativa de levantar a problemática dos feminicídios a partir da forma como o cinema a coloca, seja exotizando, seja produzindo um olhar crítico e de denúncia.

A imagem de Ciudad Juárez, no México, aponta para um lugar de extrema violência endêmica. Os dados estatísticos e a evolução histórica dos homicídios e feminicídios situam Ciudad Juárez no ranking das cidades em que mais se mata no mundo. O cinema já retratou esse drama local em narrativas filmicas como *Cidade do Silêncio* (*Bordertown*, 2006) e *Sicário: terra de ninguém* (*Sicário*, 2015), além das narco-séries *El Chapo* (2017) e *Narcos: México* (2018). Mais recentemente, o filme *Ruído* (2022) voltou a destacar o silenciamento das muitas mortes de mulheres mexicanas. Outras produções também buscaram escandalizar esse estigma de urbano cruel e violento frequentemente silenciado pelo Estado e autoridades locais.

Figura 01: Narrativas filmicas de escandalização da violência urbana endêmica em Ciudad Juarez.



Fonte: Retirado da internet e organizado pelos autores.

Bernabéu Albert e García Redondo (2015) elencaram alguns filmes e documentários sobre a problemática dos feminicídios em Ciudad Juárez. Aqui destacamos alguns documentários:

- *Bajo Juárez: La ciudad devorando a sus hijas*, Alejandra Sánchez Orozco y José Antonio Cordero (México, 2006).
- *Border Echoes-Ecos De Una Frontera. The truth behind the Juárez Murders*, Lorena Méndez-Quiroga (Estados Unidos, 2006).

- Ciudad sin ley, Isabel Vericat (México, 2004).
- Doble injusticia: Femicidio y tortura en Ciudad Juárez y Chihuahua, Laura Salas (Estados Unidos-México, 2005).
- Femicidio. Hecho en México, Vanessa Bauche (México, 2003).
- Juárez: desierto de esperanza, Cristina Muchaus (Mexico, 2002).
- Juárez: la ciudad donde las mujeres son desechables, Alex Flores y Lorena Vassolo (Canadá, 2006).
- La batalla de las cruces. Protesta social y acciones colectivas en torno de la violencia sexual en Ciudad Juárez, Patricia Ravelo Blancas (México, 2005).
- Madres de Juárez luchan por la justicia, Zulma Aguiar (Estados Unidos, 2005).
- Maquila: A Tale Of Two Mexicos, Saul Landau y Sonia Angulo (Estados Unidos-México, 2000).
- On The Edge: The Femicide in Ciudad Juárez [En el borde], Steev Hise (Estados Unidos, 2006).
- Performing the Border: On Gender Transactional Bodies and Technology, Úrsula Biemann (Estados Unidos-México, 2001).
- Preguntas sin respuesta: Los asesinatos y desapariciones de mujeres en Ciudad Juárez, Rafael Montero (México, 2004).
- Señorita extraviada [Missing young woman], Lourdes Portillo (México, 2001).
- Silencio en Juárez, Michela Giorelli (Estados Unidos, 2008).
- Una noche en Juárez, Alex Flores y Lorena Vassolo (México, 2006).

Não obstante o Estado e sua inoperância em investigar e responder a essas altas taxas de feminicídio que assombam principalmente as populações mais vulnerabilizadas, o cinema tem contribuído para a vocalização crítica deste drama cotidiano de uma população vítima da violência do narcotráfico, da corrupção policial, da cultura masculinista e machista, da expansão do poder estadunidense no território mexicano e das desigualdades estruturais produzidas na fronteira norte. Percebe-se, nesse sentido, uma confluência de fenômenos sociais que produzem uma sinergia extremamente perversa: o da violência urbana – banal e cruel endêmica contra as mulheres – sistematicamente produzida pelos homens.

Este ensaio, ao problematizar o contexto social de Ciudad Juárez (Estado de Chihuahua) a partir da análise dos casos de feminicídios e violência de gênero que explodiram principalmente após os anos 1990, busca compreender este urbano singular tão explorado e periferizado por dinâmicas internas e externas ao seu território.

Vale lembrar que Ciudad Juárez é um importante centro econômico fronteiriço mexicano com expressivo fluxo pendular de pessoas com os Estados Unidos, através, em sua maior parte, do turismo de negócios e de saúde, além do intenso movimento de visitantes que passam e/ou se estabelecem na cidade visando maior aproximação com o país vizinho. Apesar dessa intensa vida econômica e de dinâmica mobilidade humana em uma área de fronteira, destaca-se na cidade a imagem de um espaço violento, fenômeno que amplificou a representação de Ciudad Juárez como uma cidade extremamente insegura.

Segundo Frago (2012), entre 1993 e 2010, falar de violência extrema no contexto mundial remetia a falar invariavelmente sobre o espaço geográfico de Ciudad Juárez (Chihuahua), evocando os exemplos de feminicídios e dos assassinatos por execução ou ajuste de contas. Nessa cidade, a morte não é o único fato violento: sequestros, extorsões, roubos de automóveis com violência, assalto a transeuntes, roubo a casas, desaparecimento de mulheres e violência sexual estiveram no cotidiano de violência extrema. Ainda conforme Frago (2012), Ciudad Juárez foi reestruturada economicamente há quase 40 anos para converter-se em uma zona de manufatura de exportação para o mundo globalizado. Ao mesmo tempo, ficou imersa desde meados dos anos 1980 em uma guerra

geográfica espacialmente determinada para a produção, venda e consumo de drogas.

Velázquez Vargas (2011) aponta que a gravidade dos homicídios tem levado Ciudad Juárez a ser considerada como a cidade mais violenta do mundo, destacando os anos de 2008 a 2010, cujas taxas de homicídios estiveram entre 139 e 229 por 100 mil habitantes. Deste modo, a cidade popularizou-se no contexto midiático global nas últimas décadas como aquela cujas taxas de violência homicida estavam no topo das cidades mais violentas do mundo (224 para cada 100 mil habitantes em 2010⁶), tendo o narcotráfico e suas disputas territoriais (principalmente entre 2008 e 2011⁷) como motor central da explosão dos conflitos. Além disso, os casos de feminicídio (com destaque para os anos 1990) também contribuíram para a imagem negativa do lugar, terminando por impor ao território juarensense uma condição de *estigma espacial*, um espaço controlado pelo narcotráfico e suas altas taxas de homicídios, além dos já citados casos de feminicídios que ganharam as páginas de diversos veículos de mídia em todo o mundo.

Diante desse contexto de violência, o mundo passou a olhar Ciudad Juárez como a Faixa de Gaza da América Latina. E, como consequência, as representações da cidade como lugar do medo e da violência foram sendo tecidas no cotidiano das relações sociais, na política, na arte e em narrativas fílmicas de difusão global como a que ora é abordada.

Ciudad Juárez: territorialidade violenta em disputa

Ciudad Juárez é uma das seis cidades mais importantes do México. Localiza-se no estado de Chihuahua, no planalto central do norte do México, nas margens do Rio Bravo e na fronteira com os Estados Unidos (PEQUEÑO RODRÍGUEZ, 2015). Gallegos e López (2004) colocam que Ciudad Juárez tem sido um dos espaços econômicos mais dinâmicos da fronteira norte mexicana. Velázquez Vargas (2011) complementa esta questão ao mostrar que a cidade tem historicamente atraído fluxos de migrantes que chegam com a ideia de transladar-se aos EUA ou que vêm especificamente para trabalhar, direta ou indiretamente, na indústria maquiladora. Vale destacar ainda que, apesar das percepções negativas e das restrições advindas do governo dos EUA, a fronteira norte continua sendo uma das principais regiões receptoras de visitantes do México. Em 2005, captou 81% do percentual nacional total (RÁBAGO; CHÁVEZ, 2008).

Gallegos e Lopez (2004) destacam que, decorrente das relações comerciais com os EUA, as relações econômicas cada vez mais demandam novos espaços de encontro para os atores econômicos envolvidos nos negócios de ambos os países; logo, os centros de convenções e infraestrutura hoteleira têm tomado um papel central nesta área de fronteira. Assim, por sua condição fronteiriça, atividade maquiladora⁸ e consequente vida industrial, Ciudad Juárez tem se convertido em sede de exposições, feiras comerciais e convenções (GALLEGOS; LOPÉZ, 2004). Prontamente, a proximidade de Ciudad Juárez com os EUA tem contribuído com a articulação das atividades econômicas de cidades adjacentes de um e outro país (Juárez-El Paso-Sunland Park), tornando-as muito estreitas (HERNÁNDEZ; HERNÁNDEZ, 2014a).

⁶ Hernández e Hernández (2014a).

⁷ Muggah et al. (2016).

⁸ Empresa maquiladora é uma unidade econômica que realiza a parte da produção de um artigo (produto), geralmente a montagem, que se encontra em território nacional e que mediante um contrato se compromete com uma empresa matriz, localizada em países estrangeiros, para realizar um processo industrial ou de serviço destinado a transformar, elaborar ou reparar mercadorias de procedência estrangeira, para o qual importa temporariamente partes, peças e componentes, que, uma vez processados, são exportados (PEQUEÑO RODRÍGUEZ, 2015).

Apesar da importância econômica fronteiriça, vale destacar que, no México, até a segunda metade da década de 1980, a hegemonia do cartel de Sinaloa garantia o controle de disputas entre famílias produtoras, chefes e intermediários nas numerosas praças de drogas do chamado Triângulo Dourado (Chihuahua, Sinaloa e Durango). O acordo com os mais altos chefes políticos do país também mantinha à margem surtos de violência com as autoridades. Esta geografia da atividade criminal mudaria em 1985, significando o ano de ruptura do “equilíbrio” entre grupos dedicados ao narcotráfico e um ponto de inflexão que dará lugar ao surgimento dos cartéis no México (DE LA TORRE; ESCOBEDO, 2018; MOLZAHN, RÍOS e SHIRK, 2012, p. 23).

Esse cenário de competição entre os cartéis provocou uma intensificação de disputas territoriais por praças de produção e comercialização de drogas, sendo a violência o recurso maior contra os rivais. Zamora e Covarrubias (2013) apontam que a situação se agravaria a partir de 2006, iniciada com a chamada *guerra contra o narcotráfico* pelo presidente Felipe Calderón. Além disso, desde os anos 1980 vem se estabelecendo um regime neoliberal e de crescente transnacionalização da economia e da vida política, pois se estabelece um modelo de segurança subordinado aos interesses geoeconômicos dos EUA.

Zamora e Covarrubias (2013), nesse diapasão, destacam a ausência no debate público de qualquer crítica estrutural ao modelo econômico estabelecido desde 1982, caracterizado pela privatização e estrangeirização do país, que tem significado um crescente processo de insegurança ontológica em termos do aumento da pobreza, do desemprego, da precarização e da informalidade laboral, cujo resultado tem se convertido no desenvolvimento da indústria do crime no México. Para os autores, o desemprego, a marginalização, a desigualdade, a violência, o crime, a corrupção e a cumplicidade governamental são as características da realidade mexicana, que esmaga a população, destrói seu tecido social e sua confiança nas instituições. Os feminicídios passam a se intensificar nesse contexto estrutural de violência endêmica e de expansão econômica predatória.

Muggah et al. (2016) também dão destaque à situação mexicana após o governo Calderón. Apontam que o México viveu uma escalada impressionante de violência homicida e de vitimização ao longo da última década. Cidades grandes e médias no norte e no oeste do México testemunharam taxas de até 150 homicídios por 100.000 habitantes. Esse aumento se deve à mobilização de mais de 60.000 soldados pelo ex-presidente Calderón, à intensificação dos combates entre os cartéis e à operações antinarcóticos. Os homicídios relacionados às drogas correspondiam a 73% do total no México, em 2011, após um aumento constante de 55% anuais desde 2007. O aumento das taxas de crimes violentos entre 2007 e 2011 ficou restrito a algumas áreas. Em 2011, cerca de 70% dos homicídios relacionados às drogas ocorreram em apenas 8 dos 32 estados, e 24% em apenas 5 cidades. O estado mais violento foi Chihuahua, com Ciudad Juárez puxando os números.

Segundo Muggah et al (2016), em 2008, o Cartel de Sinaloa declarou guerra contra seu maior rival, o Cartel de Juárez, em uma tentativa de conquistar o controle total sobre a área. Em apenas um ano, o número total de homicídios aumentou em mais de 700%: de 192 em 2008, para 1.589 em 2009, e, finalmente, alcançando um pico de 3.766 em 2010. Entre 2009 e 2011, Ciudad Juárez foi considerada a mais violenta do mundo, com uma taxa de homicídio de 271 por 100.000 habitantes. Poucas cidades simbolizaram uma crise de insegurança cidadã tão grave quanto Juárez (MUGGAH et al., 2016).

Em Ciudad Juárez, esses conflitos se intensificaram de forma acentuada, sobretudo, a partir de 2008. Olivares et al (2010) apontam que o problema da criminalidade nas zonas urbanas do México é uma realidade e dados diversos mostram o desamparo pela insegurança. Trata-se de uma questão social mais ampla que historicamente condena os mais vulneráveis e amplifica as possibilidades de ingresso na economia do crime.

Para Hernández e Hernández (2014a), a má popularidade de Ciudad Juárez se expandiu em nível mundial no final do século XX e princípio do século XXI: a cidade foi estigmatizada como o império da impunidade. Na primeira década do século atual, Ciudad Juárez, urbe fronteiriça, foi reconhecida em nível mundial pelo excessivo aumento das estatísticas criminais de homens e mulheres. A violência homicida entre 2008 e 2011 bateu recordes, estampando a cidade entre as mais perigosas do mundo. Apesar do atual controle dessa violência homicida, ainda persiste a ideia de cidade perigosa, que o visitante deve evitar⁹. O próprio governo dos EUA não recomenda a ida à Juárez, o que termina retroalimentando a ideia de que a localidade é pouco atrativa e insegura para o visitante.

Para Gallegos e López (2004), as desigualdades socioeconômicas geradas entre os espaços centrais e periféricos do mundo capitalista se acentuam na zona fronteiriça do norte do México, pois ali colidem países cujas situações econômicas são extremas (GALLEGOS; LOPEZ, 2004). Assim, a segurança pública é um dos problemas mais significativos de Ciudad Juárez. Os problemas vão desde os delitos causados pela rede de narcotráfico que se tece na cidade e os múltiplos assassinatos de mulheres juarenses até à falta de policiais nas ruas (GALLEGOS; LOPEZ, 2004).

Para Hernández e Hernández (2014a), Ciudad Juárez é um espaço fronteiriço onde as atividades econômicas relacionadas aos Estados Unidos, como o contrabando de mercadorias, a vida noturna de diversão e a dinâmica de pontes internacionais, construíram a história urbana. Os autores apontam que a necessidade de estudar a violência em Juárez é particularmente importante não só porque é imperativo registrar a violência social e de gênero que tem havido nesta localidade em diversas esferas, mas também porque de maneira muito preocupante a insegurança, a violência e os perigos se exercem e se multiplicam dia após dia, dado o marco de ilegalidade e impunidade imperantes desde o final da década de 2000 (HERNÁNDEZ; HERNÁNDEZ, 2014a).

Hernández López (2018) discute a estigmatização espacial, dada pelo resultado da familiarização de mitos cotidianos, produtos da informação difundida pelos meios de comunicação de massa que os designam como territórios perigosos. Em Ciudad Juárez essa estigmatização espacial é maior exatamente nas áreas mais marginalizadas, portanto, distantes das zonas modernizadas da cidade (mais propensas aos investimentos estrangeiros).

Ciudad Juárez possui uma condição estratégica ímpar por sua posição geográfica fronteiriça junto aos EUA e uma vida econômica fortemente ligada a esta dinâmica com a cidade de El Paso (Texas). A dependência econômica com o lado estadunidense se revela na própria dinâmica da paisagem juarenses: polo industrial de maquiladoras americanas, hospitais e clínicas médicas com forte clientela americana, cassinos, casas de câmbio, etc., além do próprio tráfego de veículos que cruzam a fronteira diariamente, chegando a longas horas de engarrafamento. No entanto, os louros dessa importância econômica contradizem a situação de mulheres silenciadas, amedrontadas, assassinadas e desaparecidas. Apesar da impunidade investigativa das forças de segurança, o cinema tem levantado essa problemática, tal como posto no filme Cidade do Silêncio.

⁹A taxa de homicídios em Juárez esteve, em 2010, em 224 para cada 100 mil habitantes, atingindo um patamar elevado e muito preocupante. Em 2008, a taxa foi de 118; em 2009 esteve em 178 e em 2011 ficou em 136 (Hernández e Hernández, 2014a). Essas taxas, independente do ano ou de fonte de dados, são extremamente elevadas, considerando-se tanto o nível aceitável estipulado pela Organização Mundial de Saúde (até 10 para cada 100 mil habitantes), quanto o comparativo com outras cidades também violentas.

Cidade do Silêncio: cinema aquém da teoria e além do jornalismo

Cidade do Silêncio¹⁰ é uma narrativa fílmica fundamentada em um conjunto de fatos históricos¹¹. Datado de 2007, o longa-metragem estrelado por Jennifer Lopez, que interpreta a jornalista Lauren Adrian, tem início com a ida da personagem dos Estados Unidos à Ciudad Juárez, México. Com o intuito de abordar os casos de feminicídios que assolam a cidade mexicana, a jornalista, que visa a ascender profissionalmente, está disposta a fazer o que for necessário pelo “furo de reportagem”. Entretanto, quando a pauta da matéria é ofertada à Lauren, a jornalista afirma que ninguém se importa com o México, mesmo recebendo a informação de que o número de vítimas teria ultrapassado mais de 370 mortes. Essa recusa inicial enfatiza o descaso das grandes mídias norte-americanas no que se refere aos acontecimentos no exterior.

Em terras mexicanas, Lauren (Jennifer Lopez) procura por seu ex-colega e jornalista, Alfonso Diaz (Antonio Banderas), na esperança de que eles possam trabalhar juntos. Alfonso, por sua vez, trabalha em um pequeno e precário jornal local, em contraponto à Lauren, que trabalha em uma grande mídia de comunicação nos Estados Unidos. O reencontro surge em um local afastado do centro de Juárez, que a narrativa fílmica esclarece como sendo um dos lugares onde corpos de vítimas costumam ser encontrados. Na cena em questão, o jornalista expõe que mães de possíveis vítimas, em uma tentativa desesperada de encontrar suas filhas, costumam vagar por lugares como aqueles, procurando, elas próprias, pelos corpos das filhas.

Não por acaso, o caminho de Lauren acaba se cruzando ao de Eva Jimenez (Maya Zapata), uma jovem de 16 anos que trabalhava em uma das maquiladoras da cidade de Juárez. Após um dia de trabalho árduo em situações precárias, Eva estava voltando para casa quando resolveu parar no centro da cidade, à noite, a fim de comprar um presente para sua irmã. É quando a garota percebe que está sendo seguida e para escapar da perseguição entra no primeiro ônibus que aparece. Quando imaginava estar em segurança e a caminho de casa, Eva é terrivelmente surpreendida quando o motorista do ônibus, já sozinho com ela, a leva para um local distante e isolado onde outro homem aguardava por eles para que juntos cometessem o violento crime contra Eva¹².

Figura 02: Eva sendo atacada.



Fonte: Recortado pelos autores do filme Cidade do Silêncio (2007).

¹⁰ Filme Cidade do Silêncio. Direção: Gregory Nava. Produção: Gregory Nava et al. Estados Unidos: THINKFilm Capitol Films, 2007.

¹¹ De acordo com Santos (2022, p. 51): “O filme traz uma crítica ao Tratado de Livre Comércio entre México e Estados Unidos mesclado à crítica de corrupção e impunidade que assola os moradores, em especial as mulheres, que vivem em - ou próximo a - Juárez”.

¹² Fragoso (2000) aponta características do perfil das vítimas de feminicídio em Ciudad Juárez, entre os anos de 1993 e 1999. A personagem Eva, em Cidade do Silêncio (2007), apresenta tal vitimologia: estrangeira de origem indígena, adolescente de 16 anos, trabalhadora vulnerável que precisava trabalhar em maquiladoras. O autor também aponta os tipos de feminicídios na cidade: sexuais, sexistas, relacionados ao narcotráfico ou à dependência química.

Durante as investigações de Lauren e Alfonso para ajudar Eva, corpos de mulheres continuam sendo encontrados em Ciudad Juárez. Em um desses acontecimentos os jornalistas presenciam a polícia local tratando um dos casos como consequência de uma possível situação de violência doméstica. Desacreditada das conclusões a que a polícia chegou, Lauren aponta as semelhanças entre casos anteriores de feminicídio, como a morte por enforcamento, os métodos violentos de agressão e estupro e a desova dos corpos.

Figura 03: Corpo de mulher encontrada enterrada.



Fonte:Recortado pelos autores do filme Cidade do Silêncio (2007).

O feminicídio generalizado em Ciudad Juarez, assim, impunha a toda e qualquer mulher a ameaça da violência. No entender de Álvarez Díaz (2003, p. 220), o feminicídio:

Se trata de un fenómeno único, favorecido por un entorno socioeconómico propicio, conformado por impunidad, violencia de género en un mundo patriarcal misógino, con ineficiencia policíaca, indiferencia, desigualdad, prejuicio, ignorancia, narcotráfico e intereses políticos.

O feminicídio, como aspecto de violência, possui diversas camadas (Fragoso, 2002), perpassando abusos físicos, emocionais e psicológicos. O ato do estupro contra a mulher seria, na concepção de Álvarez Díaz (2003, p. 225), “[...] la materialización última de la demostración violenta de la supremacía del poder de lo masculino sobre lo femenino”. Nesse sentido, Segato (2013) vai além e considera o estupro diretamente ligado ao controle irrestrito que um indivíduo acredita ter sobre o corpo do outro. Trata-se de uma vontade soberana de aniquilar as vontades do outro, ao passo que a persistência da existência desse Ser, enquanto vítima, configura-se apenas como parte de um projeto em que o controle é uma virtude unicamente do dominador/abusador (SEGATO, 2013).

Assim, e retornando a narrativa, o desenrolar da trama se sucede com Lauren e Alfonso no contexto das investigações para descobrir quem foram os abusadores de Eva, que, por sua vez, precisa lidar clandestinamente com os traumas gerados pela violência sofrida, pois, como testemunha viva do crime, teme pela sua vida. Em um trecho da matéria que escreveu sobre os casos de Ciudad Juárez, Lauren diz:

Os gritos das mulheres de Juárez se silenciaram porque ninguém quer ouvir, nem as corporações gigantes que ganham seus lucros às custas do trabalho dessas mulheres, nem os governos do México e dos Estados Unidos que se beneficiam do Tratado de Livre Comércio. Ninguém ouve! Todas as evidências apontam para o fato de que existem muitos assassinos, uma onda de assassinatos que fica cada vez pior e ao mesmo tempo é acobertada. É que abafar os crimes é mais barato do que proteger essas mulheres. Tudo gira em torno do dinheiro e por isso as mortes continuam. Eva Jimenez, 16 anos, ela trabalha em uma fábrica montando televisores. Ela ganha cinco dólares por dia (CIDADE DO SILÊNCIO, 2007).

Para Fragoso (2000), existe uma política de desequilíbrio entre os gêneros que afeta diretamente as mulheres em diversos âmbitos. Na narrativa fílmica *Cidade do Silêncio* (2007), fica evidente que vítimas como a personagem Eva sofrem constantemente com a negligência de um Estado que fecha os olhos para as grandes corporações que utilizam da mão de obra barata feminina. As mulheres tornam-se alvos fáceis na exploração de seus corpos e força de trabalho. Fragoso (2000, p. 95) ressalta que “[...] las mujeres también se encuentran insertas en un contexto más amplio que contiene y comprende toda una experiencia económica y social. Condiciones todas estas objetivas que sustentan la violencia en contra de la mujer en un sistema patriarcal”; e salienta:

El asesinato de mujeres es habitual en el patriarcado. Sin embargo, el siglo xx ha sido conocido por una nueva forma de crimen en contra de las mujeres, el cual incluye tortura, mutilación, violación y asesinato de mujeres y niñas. La frecuencia y recrudescimiento de estos actos ha llevado a Caputi a denominar nuestra época como la "era del crimen sexual" (FRAGOSO, 2002, p. 284).

Nos momentos finais do filme, Lauren é impedida de publicar sua matéria, pois empreendedores morais e políticos destacados da cidade subornam o jornal, de modo a abafar os acontecimentos em Ciudad Juárez. Nesse ínterim, Alfonso sofre um atentado fatal em mais uma ação de silenciamento da tragédia cotidiana de feminicídios. Eva, após a prisão de um de seus abusadores e a morte do outro, segue com sua vida. A narrativa fílmica faz questão de ressaltar que o assassinato de Alfonso nunca foi solucionado e que as mortes em Ciudad Juárez seguiram acontecendo. Lauren, por sua vez, assume o cargo de Alfonso no jornal e dedica sua vida a dar voz às mulheres silenciadas.

O desfecho agridoce da obra não é exclusividade do filme: quando se trata dos acontecimentos na cidade mexicana, Ciudad Juárez segue descrita como urbano perigoso, violento e cheio de injustiças. Ao apontar as impunidades, as deficiências nos processos, as omissões e as negligências nos casos de Ciudad Juárez, Pérez (2015) enfatiza a corrupção endêmica que estigmatiza a cidade. No entender de Segato (2013, p. 17):

La impunidad, a lo largo de estos años se revela espantosa, y puede ser descrita en tres aspectos: 1. Ausencia de acusados convincentes para la opinión pública; 2. Ausencia de líneas de investigación consistentes; y 3. La consecuencia de las dos anteriores: el círculo de repetición sin fin de este tipo de crímenes.

O sentimento que permanece é de injustiça pelas vítimas e pelos familiares que perderam parentes duplamente vitimados: quando silenciadas e mortas; e quando se lhes falhou a garantia da justiça. Com efeito, apesar das mudanças econômicas e urbanas em Ciudad Juárez, e da consequente regressão das taxas de homicídio, a questão dos feminicídios ainda é um drama local, tal como atestam as matérias a seguir:

La violencia contra la mujer en Ciudad Juárez continúa día con día, pese a los esfuerzos de las autoridades por tratar de prevenir este delito.[...] Tan solo en lo que va del 2023 en Ciudad Juárez han sido asesinadas 48 mujeres, del periodo que comprende del 1 de enero al 30 de abril¹³.

Colectivo denuncia el asesinato de 87 mujeres en Ciudad Juárez en lo que va de 2022 [...] Una **brutal ola de violencia contra las mujeres**, con **descuartizamientos** y **decapitaciones**, alerta a activistas de Ciudad Juárez, en la frontera norte de México, donde ocurrieron 87 feminicidios de enero a julio, según el colectivo Red Mesa de Mujeres [...] Las organizaciones civiles han indicado que entre los crímenes cometidos en lo que va del año, destaca el de

13 TOVAR, Héctor. Suman 48 mujeres asesinadas en Juárez durante el 2023. CÍA. PERIODÍSTICA DEL SOL DE CHIHUAHUA, S.A. DE C.V. HERALDO DE CHIHUAHUA, JUÁREZ, JUEVES 4 DE MAYO DE 2023. Disponível em: <https://www.elheraldodechihuahua.com.mx/local/juarez/en-juarez-se-han-cometido-48-asesinatos-hacia-mujeres-en-lo-que-va-del-2023-red-mesa-de-mujeres-10012536.html>

mujeres asesinadas, mutiladas y tiradas en la vía pública. [...] Las autoridades catalogan que las mujeres asesinadas eran parte del crimen organizado, lo que genera que la investigación de sus muertes esté dirigida por la Fiscalía General del Estado y no por la Fiscalía de la Mujer, declaró este jueves a EFE Yadira Cortés, coordinadora de la agrupación¹⁴.

Entre el año 2000 y 2019 se registraron **más de 42 mil homicidios de mujeres** en México y **más de 62 mil desapariciones**; sin embargo de esos homicidios sólo el 30% aproximadamente se califica como feminicidio y de éstos el 56% de las niñas y mujeres asesinadas fue a manos de sus parejas o familiares cercanos. No hay lugar seguro para las mujeres. Tampoco justicia [...] Caemos. Todavía no encontramos la forma de frenar este descenso, no hay partido que proponga la estrategia que detenga **por lo menos los 10 feminicidios que se registran al día**. Hemos visto la alternancia en estas dos décadas y no se ha encontrado la solución para la seguridad de las mujeres. El pasado feminicida de Juárez es el presente feminicida de México y en él todos los factores cuentan: desde el machismo hasta el crimen organizado, pues en el ajuste de cuentas las mujeres fungen como el objeto donde expresan la violencia. [...] El año pasado, el Secretariado Ejecutivo del Sistema Nacional de Seguridad Pública registró tres mil 754 muertes de mujeres y sólo 947 se investigaron como feminicidio, es decir, sólo el 33.7% se investigó con perspectiva de género. El año 2021 reportó 980 feminicidios y 2020 registró 943.¹⁵

Esse apanhado de recortes de notícias de jornal aponta não somente para a gravidade do fenômeno social classificado como feminicídio, por um lado, mas, por outro lado, para a ausência de uma abordagem mais aprofundada e sociológica sobre o processo histórico de perversão da ordem social em cidades mexicanas como Ciudad Juárez, endemicamente magoada pela experiência reiterada do desvalor da vida cruelmente ceifada de milhares de mulheres.

Destacam Reyes Escalante e Sandoval Chávez (2020) que a modernidade urbano-industrial beneficiou Ciudad Juárez, contudo cobrou uma conta muito alta através do excesso de estadunidenses no território fronteiriço, da avassaladora indústria maquiladora e da perversa economia do narcotráfico. Para os autores,

En cosa de nada, la ciudad creció aceleradamente a la par del boom económico, con una **sociedad sin cohesión**, en la que **la vulnerabilidad de la mujer creció**, no solo por la exclusión propia del desorden urbano que cada vez alejaba más a las personas sino por la llegada de carteles de narcotraficantes que se adueñaron de la ciudad –a la que en su argot, paradójicamente, se le hace referencia como “la plaza”- y la convirtieron, literalmente, en un **campo de batalla** [...] Pero para las mujeres la cosa no se detuvo allí, un **escenario altamente masculinizante** y un contexto legislativo omiso, en confluencia con redes criminales, dieron lugar a una ola de **feminicidios** que terminaron por **segregar a las mujeres** a ámbitos limitados y las privaron de la calle, el espacio urbano más elemental [...] El contraste entre la experiencia masculina y femenina en la ciudad se tornó abismal, la inercia llevó a varios **espacios públicos a masculinizarse** [...] En Ciudad Juárez sigue la exclusión para las mujeres, por la cultura, por las coyunturas de violencia e inseguridad, por los efectos de la economía de enclave de las maquiladoras o por lo incaminable que resulta la ciudad. En las ciudades de la frontera norte de México las maquiladoras han traído consigo crecimiento económico, pero a costa del bienestar de las personas y de la cohesión social

14 Colectivo denuncia el asesinato de 87 mujeres en Ciudad Juárez en lo que va de 2022. Latinus, agosto 11, 2022. Disponible em: <https://latinus.us/2022/08/11/colectivo-asesinato-87-mujeres-ciudad-juarez-2022/>

15 AGUILAR, Gabriela. El pasado feminicida de Juárez, el presente feminicida de México. Informador.mx, 28 de febrero de 2023. Disponible em: <https://www.informador.mx/ideas/El-pasado-feminicida-de-Juarez-el-presente-feminicida-de-Mexico-20230228-0024.html>

(REYES ESCALANTE; SANDOVAL CHÁVEZ, 2020, p. 29-31, destaques nossos).

Nesse sentido, articulando a passagem acima e o enredo da película, cabe a assertiva de que a narrativa fílmica se inscreve *aquém da teoria*, isto é, *aquém* da perspectiva crítica que busca a explicação dos elementos estruturais, fundamentes e dinamizadores de um fenômeno específico e complexo. Tal vem a ser compensando, contudo, na postura audaz da obra que, muito embora conte com personagens rasos e caricatos, nega-se a ser uma mera reportagem apelativa sobre a tragédia dos feminicídios em Ciudad Juárez.

Considerações finais

O presente ensaio abordou em perspectiva sociológica crítica e compreensiva a narrativa fílmica *Cidade do Silêncio* (2007), de Gregory Nava. Alinhavou o argumento ensaístico o fito confesso de buscar ouvir as vozes femininas traumatizadas que ainda perambulam em Ciudad Juárez em busca de vocalização, antes de tudo, e de justiça, no sentido primevo da noção de utopia, isto é, de um *não lugar* a ser imaginado em abstrato e conseqüentemente projetado em concreto. Nesse limbo da experiência traumática de injustiça em busca de voz se inscreve a mensagem das personagens Eva, Lauren e Alfonso, cada uma delas representando uma tipologia de vitimização da violência banal e cruel que se tornou ordem social perversa em Ciudad Juárez. Mas, cabe enfatizar, buscou-se também situar o horizonte perceptivo e actancial da trama de violência e exploração entre os personagens na matriz estrutural da geopolítica e da geoeconomia que une e separa os Estados Unidos e o México no jogo desigual e combinado de reprodução sociometabólica da vida coletiva sob os ditames do Capital.

Os casos de violência e feminicídio que assolam a cidade mexicana, nesse sentido, ao se tornarem endêmicos, territorializaram o urbano consoante o estigma negativo de perversa ordem exploratória masculinista que também remete ao histórico de colonização espanhola do México; combinando, assim, o que de pior pode haver na interface entre capitalismo predatório em regime neoliberal de gestão do trabalho e patriarcalismo em modo machista de captura e submissão de corpos, energias e espaços vitais femininos para a reprodução expansiva de mais-valor econômico-financeiro e simbólico. O Tratado de Livre Comércio entre México e Estados Unidos que, de forma vergonhosamente hierarquizante potencializou a exploração econômica estadunidense em território mexicano, deve ser entendido, portanto, como movimento de uma Economia Política falocêntrica que desenraiza e arrasta violentamente trajetórias e curvas de vida feminino-indígenas para o inferno das maquiladoras e da vulnerabilidade social dos cortiços periféricos do urbano capitaneado pelas *macho*-máfias mexicano-estadunidenses.

Em síntese, o presente ensaio enfatiza o papel ambíguo da indústria cultural cinematográfica, seja exotizando, seja produzindo um olhar crítico e de denúncia. O cinema, nesse diapasão, tem contribuído para a vocalização crítica do drama cotidiano de uma população vítima da violência do narcotráfico, da corrupção policial, da cultura masculinista e machista, da expansão do poder estadunidense no território mexicano e das desigualdades estruturais produzidas na fronteira norte. Essa confluência destrutiva de fenômenos sociais perversos, portanto, produz a sinergia da violência urbana banal e cruel endêmica contra as mulheres sistematicamente produzida pelos homens. Ciudad Juárez, a cidade silenciada, com efeito, é a personagem maior desta narrativa fílmica de denúncia, de enfrentamento e de esperança no poder da voz que reorganiza os laços sociais em bases de justiça e de solidariedade.

Viver em Ciudad Juárez – ser uma cidadã e situar-se como moradora fixa – marca uma diferença em relação a mulheres de outros contextos e lugares, digamos assim, *mais tranquilos*. Ser mulher em Ciudad Juárez demanda um comportamento feminino defensivo e desconfiado das relações e de quase tudo que permeia aquela vida social. Sentimentos e atitudes de medo fazem parte do dia a dia, ainda mais quando já se atravessou a dor e a angústia da perda de um familiar ou

conhecido. Principalmente quando a violência em forma de crime foi capturada pelo silêncio das instituições e ali permanece latente. Isso leva a cidadã e moradora fixa de Ciudad Juárez à internalização do pânico da insegurança ontológica, pois ser mulher é estar em perigo! Sair e acreditar que tudo estará bem é uma condição putativa que se perde do horizonte de expectativas, por isso, à cada mulher resta o autocuidado e o alerta constante: nunca se sabe quem é o agressor (vizinho, amigo, governo ou mesmo parente)! E diante disso não existe socorro! Que o silêncio grite a dor de quem vive em uma cidade atravessada pela prática hedionda do feminicídio!

Referências

- ÁLVAREZ DÍAZ, J. A. Las muertes de Juárez. Bioética, género, poder e injusticia. **Acta Biothica**, vol. IX, núm. 2, pp. 219-228, 2003.
- BERNABÉU ALBERT, S.; GARCÍA REDONDO, J. M. **Las muertas de Juárez**: palabras e imágenes. In: Salvador Bernabéu Albert, Salvador; Carmen Mena García, Carmen. El feminicidio de Ciudad Juárez. Repercusiones legales y culturales de la impunidad. Universidad Internacional de Andalucía, 2015.
- CUADRA, S. M. et al. Turismo fronterizo como motor de desarrollo de la frontera. Una revisión de la literatura. **International Journal of Scientific Management Tourism**, Vol. 2 N°2 pp. 249-265, 2016.
- DE LA TORRE, M. I.; ESCOBEDO, D. N. Turismo y narcotráfico en México. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Volumen 27, pp. 867–882, 2018.
- FRAGOSO, J. M. Feminicidio sexual serial en Ciudad Juárez: 1993-2001. **Debate Feminista**, vol. 25. México-DF, 2002.
- FRAGOSO, J. M. La cultura del feminicidio en Ciudad Juárez, 1993-1999. **Frontera Norte**, vol. 12, núm. 23, enero-junio, 2000.
- FRAGOSO, J. M. Violencia extrema y existencia precaria en Ciudad Juárez. **Frontera Norte**, vol. 24, núm. 48, julio-diciembre, 2012.
- GALLEGOS, O.; LÓPEZ, A. L. Turismo y estructura territorial en Ciudad Juárez, México. Investigaciones Geográficas, **Boletín del Instituto de Geografía**, UNAM ISSN 0188-4611, Núm. 53, pp. 141-162, 2004.
- HERNÁNDEZ LÓPEZ, E. Turismo y miedo al delito-violencia: el caso de la ciudad histórica de Guanajuato (México). **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Volumen 27, pp.805 – 830, 2018.
- HERNÁNDEZ, A. L.; HERNÁNDEZ, M. L. **Crímenes en Juárez 2009 y homicidios 2008-2012**. Ciudad Juárez: UACJ, Observatorio de Violencia Social y de Género, 2014a.
- HERNÁNDEZ, M. L.; HERNÁNDEZ, A. L. **Crónica de una violencia anunciada**. Ciudad Juárez: UACJ, Observatorio de Violencia Social y de Género, 2014b.
- MOLZAHN, C.; RÍOS, V.; SHIRK, D. A. **Drug Violence in Mexico**: Data and Analysis Through 2011. Trans-Border Institute, University of San Diego, 2012.
- MUGGAH, R. et al. **México: Todos Somos Juárez**. In: Tornando as cidades mais seguras: inovações em segurança cidadã na América Latina. Instituto Igarapé. BID, Fórum Econômico Mundial, N. 20, 2016.
- OLIVARES, J. G. et al. La Seguridad turística en México. In: Grunewald, L. (Compilador). **Municipio, Turismo & Seguridad**. Universidad Nacional de Quilmes; OEA. pp. 79-93, 2010.
- PEQUEÑO RODRÍGUEZ, C. **Mujeres en movimientos**: organización y resistencia en la industria maquiladora. Ciudad Juárez, Chihuahua, México: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2015.
- PÉREZ, R. I. Mujeres asesinadas en Ciudad Juárez: la justicia apenas comienza. Albert, S. B. & García, C. M. (Coords). **El feminicidio de Ciudad Juárez**. Repercusiones legales y culturales de la impunidad (pp. 103-124), 2015.
- RÁBAGO, N. L. B.; Chávez, B. V. La construcción de la frontera norte como destino turístico en un contexto de alertas de seguridad. **Región y Sociedad**, Vol. XX, n. 42, 2008.
- REYES ESCALANTE, A. Y.; SANDOVAL CHÁVEZ, D. A. Ciudad Juárez y la exclusión de la mujer del espacio público. **Crítica Urbana**, Número 11, Marzo, 2020.
- SANTOS, R. A. **A sentinela e o sol**: narrativas sobre a mulher jornalista no filme Cidade do Silêncio (Monografia). Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil, 2022.

SEGATO, R. L. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez**. 1a. ed.- Bueno Aires: Tinta Limón, 2013.

VELÁZQUEZ VARGAS, M. S. **Desplazamientos forzados: migración y violencia en Ciudad Juárez, Chihuahua, México**. Memoria del Foro Bienal Iberoamericano de Estudios del Desarrollo, 2011. Sede: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, México, del 11 al 13 de abril, 2011.

ZAMORA, R. G.; COVARRUBIAS, H. M. México: violencia e inseguridad. Hacia una estrategia de desarrollo y seguridad humana. **Nómadas**. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, Núm. Especial: América Latina. Euro-Mediterranean University Institute, Universidad Complutense de Madrid, 2013.